



LÉXICO ESPECIALIZADO DA CULINÁRIA: TIPOLOGIA CONTRASTIVA ENTRE PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU

Meire de Souza Lara (UFJF)¹
meire.lara.ufjf@gmail.com

RESUMO: Este trabalho, resultado de uma pesquisa terminológica monolíngue, sistemática, descritiva e comparativa, consiste em apresentar uma tipologia dos contrastes detectados no léxico especializado da Culinária entre duas variedades da Língua Portuguesa, nomeadamente Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE). O objetivo é mostrar que, contrariamente à Teoria Geral da Terminologia (WÜSTER, 1979), que não aceita a variação, um mesmo referente pode ser designado por mais de uma unidade terminológica e, por isso, o fator geográfico não deve ser negligenciado. Para tanto, termos foram recolhidos e emparelhados através da análise e exploração de dois corpora comparáveis, constituídos criteriosamente de textos dessa área, sendo um do PB e outro do PE. As variações foram observadas sob a luz da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÈ, 1999) – de perspectiva comunicativa – e da Socioterminologia (GAUDIN, 1993; FAULSTICH, 1993, 1997, 200) – de perspectiva sociolinguística, visto que ambas tem como princípio a variação em Terminologia. Dentro do universo de pares de termos contrastivos que se configurou, foi possível identificar termos distintos que designam um mesmo conceito e termos semelhantes para conceitos distintos utilizados no âmbito da Culinária, em regiões diferentes, como Brasil e Portugal. O resultado da pesquisa reforça que é necessário levar em conta os contextos – social, situacional, espacial, linguístico – em que os termos circulam e registrar as variantes e seus usos nas obras terminológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação terminológica; Análise contrastiva; Culinária; Português Brasileiro; Português Europeu.

ABSTRACT: This paperwork is the result of a monolingual, systematic, descriptive and comparative terminological research. It consists of presenting a typology of the contrasts detected in the specialized lexicon of Culinary between two varieties of Portuguese Language, namely Brazilian Portuguese (BP) and Portuguese European (EP). The purpose of this paper is to show that, contrary to the General Theory of Terminology (WÜSTER, 1979), which does not accept variation, more than one terminological unit can designate a single referent. Thus, the geographic factor should not be neglected. For this purpose, terms were collected and matched through analysis and exploration of two comparable corpora composed carefully of culinary texts, being one of BP and another of the EP. The variations were observed based on Communicative Theory of Terminology (CABRÈ, 1999) – from a communicative perspective – and Socioterminology (GAUDIN, 1993; FAULSTICH, 1993, 1997, 200) – from a sociolinguistic perspective –, because both have as principle the variation in Terminology. Within the universe of pairs of contrastive terms created, it was possible to identify distinct terms that designate a single concept and a single term designating distinct concepts used in Culinary in different regions such as Brazil and Portugal. The result

¹ Bolsista de Pós-Doutoramento CAPES-PNPD em Linguística, na linha de Linguística Cognitiva, na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde integra o grupo de pesquisa FrameNet Brasil e atua como professora. Doutora em Linguística: Terminologia, Lexicologia e Lexicografia pela Universidade Nova de Lisboa em cotutela com a UNESP. Contato: meire.lara.ufjf@gmail.com.



of the research reinforces that it is necessary to consider the social, situational, spatial, linguistic contexts in which the terms circulate and to register their variants and their uses in terminological works.

KEYWORDS: Terminological variation; Contrasting analysis; Culinary; Brazilian Portuguese; European Portuguese.

1 Introdução

O grande desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido, principalmente a partir do século XIX, provocou o surgimento de novos conceitos e novas áreas de especialização e, conseqüentemente, de novos termos. Com o surgimento dos grandes blocos econômicos, como a União Europeia e o Mercosul, as relações comerciais internacionais e todo tipo de intercâmbio têm-se alterado forçando a comunicação entre diversos países. Isso tem gerado uma necessidade crescente de produção de textos especializados e de tradução científica, inclusive na Culinária, área especializada que tem avançado muito nos últimos anos e, assim, proporcionado vários tipos de trocas.

Como é possível ver, os ingredientes, cada vez mais internacionalizados, podem ser encontrados em quase toda parte do mundo; as receitas e as técnicas culinárias estão disponíveis para a comunidade global através da Internet e de programas culinários televisivos, sem contar a grande quantidade de material impresso sobre a arte de cozinhar, e/ou relativo às diferentes cozinhas, expostos nas prateleiras das livrarias. Além disso, há imensas opções de restaurantes temáticos e lojas especializadas em equipamentos de cozinha existentes nas grandes cidades do mundo.

Sendo assim, para o correto aproveitamento desses meios cada vez mais acessíveis, torna-se imprescindível compreender/ reconhecer os ingredientes, os utensílios, as técnicas, etc., ou seja, é fundamental conciliar o conhecimento técnico e linguístico da área de trabalho, principalmente entre especialistas que partilham a mesma língua, como é o caso de brasileiros e portugueses, que trocam informações e experiências, mas falam variedades distintas da língua portuguesa, com suas variações acarretadas pelas condições sociais, culturais, regionais e históricas de cada país.

Em decorrência dessa necessidade de comunicação precisa entre as comunidades linguísticas, os estudos das línguas de especialidade tornaram-se essenciais, estabelecendo, assim, novos trabalhos na área da Terminologia Científica e Técnica, tanto bilíngue como monolíngue, inclusive entre variantes de uma mesma língua, pois, sem o desenvolvimento de produtos terminológicos que levem em conta a variação, esses profissionais estarão passíveis de desentendimentos, o que poderá comprometer essa troca de conhecimento.

Pensando nisso é que, partindo do princípio que que existem formas alternativas para o mesmo conceito e conceitos alternativos para a mesma forma, este trabalho propôs-se compilar, analisar, descrever e emparelhar unidades terminológicas (UT), do PB e do PE, contidas no discurso especializado da Culinária. Seu objetivo é apresentar uma tipologia dos contrastes detectados entre essas duas variedades linguísticas e, assim, contribuir para reforçar a ideia de que as estruturas lexicais terminológicas são variáveis, já que a variação é inerente a qualquer língua. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa terminológica, sistemática, descritiva e contrastiva do léxico culinário, ancorada na Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÈ, 1999) e na Socioterminologia (GAUDIN, 1993; FAULSTICH, 1993, 1997, 200), cuja proposta metodológica se articula, principalmente, em torno da Terminologia em seu enfoque variacionista.

2 Aspectos Teóricos e Metodológicos

2.1 Universo da pesquisa

Para a concretização desse estudo contrastivo, entre PB e PE, elegeu-se a área técnica da Culinária, a qual é entendida como um domínio da Gastronomia, cujo espaço resume-se à cozinha, ou seja, que trata de transformar alimentos em pratos próprios para o consumo, utilizando para isso técnicas de confecção. Contudo,

não se trata apenas de seguir orientações quantitativas e técnicas de preparo explicitadas em uma receita, mas de criar, inovar, adequar constantemente, produzir uma bela apresentação, obter um sabor especial e substituir ingredientes sem perder a qualidade e as características principais daquela preparação (ARAUJO; MONTEBELLO, 2006, p. 189).

Essa criatividade dos profissionais de cozinha confere à Culinária estatuto de arte, fazendo dela uma área rica e diversificada, permitindo que receitas de um mesmo prato possam conter algum tipo de variação, como ingredientes, técnicas, apresentação e termos próprios de suas regiões. Ademais, é uma das áreas técnicas que mais vem avançando nos últimos anos, tanto que, foi promovida a ciência, tentando explicar cientificamente os empirismos da cozinha. Assim sendo, Culinária é a arte e a ciência do preparo de alimentos, no espaço da cozinha, até que seu sabor, consistência, aparência e composição química estejam modificados a ponto de, finalmente, serem servidos e consumidos.

Com base nessas considerações, a fim de demarcar o universo da pesquisa, a Culinária foi limitada por um mapa conceitual – também denominado sistema conceitual, estrutura conceitual, sistema de conceitos, árvore de domínio – estruturado como um processo de cozinhar alimentos, orientado para duas direções, sendo uma cronológica e outra temática (LARA, 2007, p. 36). A direção cronológica está de acordo com as sequências da arte de cozinhar, ou seja, engloba os termos que vão desde a seleção dos ingredientes e utensílios, passando pelas técnicas culinárias que serão utilizadas na confecção dos pratos até ao serviço de mesa. A temática dispõe a Culinária em quatro seções conceituais divididas em: *Ingredientes* (matéria-prima para confeccionar as iguarias); *Ações* (verbos que representam as ações dos cozinheiros dentro da cozinha); *Utensílios* (material técnico utilizado na cozinha para o preparo das iguarias); *Resultados* (pratos elaborados, ou seja, as iguarias prontas para o consumo).

É nesse limite, determinado pelo mapa conceitual, que, para repertoriar as unidades terminológicas (UT) da Culinária, constituiu-se criteriosamente, segundo a Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 1999), dois corpora comparáveis. Cada corpus contém um número aproximado de palavras e a mesma quantidade de textos

similares (receitas culinárias e técnicas de preparo), em formato eletrônico, produzidos por especialistas e/ ou reconhecidos (e utilizados) pelos mesmos como obras de referência da Culinária.

2.2 Variação em Terminologia

As teorias terminológicas clássicas, sobretudo a Teoria Geral da Terminologia (TGT), preconizada por Wüster² (1979), não aceitam a variação e a sinonímia, compreendem que termos são denominações especiais e objetivamente construídas para conceitos. Contudo, a prática do trabalho terminológico tem mostrado que, contrariamente ao que idealizou a TGT (CABRÉ, 1998, p. 42), não existe uma relação unívoca entre termo e conceito.

A partir da década de 90, a quantidade crescente de comunicação multilingue e a necessidade imperativa para a transferência de conhecimento especializado contribuiu para o rápido desenvolvimento de novos produtos terminológicos. Desde então, com a finalidade de adequar a Terminologia às realidades social, linguística e cultural, novas tendências da Terminologia (CABRÉ, 1999; TEMMERMAN, 2000; GAUDIN, 2003; DIKI-KIDIRI, 2001; 2008) concebem o termo como um signo linguístico, igualmente carregado de subjetividade e polissemia, de modo que não existe uma fronteira rígida entre palavras e termos aceitando, assim, a variação terminológica.

Consequentemente, hoje em dia, reconhece-se que a fixação de uso, mediante uma prescrição ou normalização, deve obedecer ao uso estabelecido, em vez de precedê-lo, visto que “os termos são unidades da linguagem natural, que integram, como tal, aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. São usados em contextos comunicativos diversos, orientados a determinados objetivos comunicativos e, portanto, a variação, seja de ordem diatópica ou diastrática é uma característica constitutiva dos mesmos” (traduzido de CIAPUSCIO, 2002, p. 385).

² A TGT encontra-se em sua obra póstuma de 1979, intitulada *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*, compilada por seu discípulo Helmuth Felber e publicada em Viena pela Infoterm.

Portanto, a comunicação especializada comporta inerentemente a variação, explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo conceito (sinonímia) e a mesma forma para vários conceitos (polissemia). Desse modo, podemos distinguir dois tipos de variação terminológica: variação denominativa e variação conceitual.

Apesar de alguns autores estabelecerem diferenças entre sinônimos e variantes; há muita divergência entre os mesmos sobre esse tema, tanto no discurso geral como no especializado. Considerando, então, as perspectivas de alguns autores (como FAULSTICH, 1995; L'HOMME, 2004) e a falta de consenso entre os mesmos, a sinonímia e a variação, neste trabalho, não serão entendidas como fenômenos distintos, mas apenas como variação terminológica.

A variação terminológica entre o PB e o PE será considerada como um tipo de variação linguística. Logo, os termos que possuem a mesma carga semântica e pragmática dentro de contextos semelhantes, entre essas duas comunidades linguísticas (no limite dos corpora), e apresentam contrastes desde a sua ortografia até ao seu sentido e conotações serão reconhecidas como variantes.

Antes da análise contrastiva, cabe referir que o método escolhido para tratar as variações, neste trabalho, leva em conta as diferenças de frequência de uso nas duas comunidades linguísticas numa perspectiva comunicativa profissional e apoia-se nos princípios teóricos de duas tendências socialmente orientadas, nomeadamente, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 1999) e a Socioterminologia (GAUDIN, 1993; FAULSTICH, 1995). A TCT porque, sob o aspecto comunicativo, enfatiza a dimensão textual e discursiva dos termos, reconhece a possibilidade de variação dos conceitos e das denominações nas áreas especializadas. A Socioterminologia por priorizar o uso dos termos e abstrair as definições formais em benefício das descrições mais versáteis do significado.

Com base nesses princípios teóricos, foi possível a observação dos termos em seu contexto natural, constatando que a linguagem da Culinária possui todas as peculiaridades pertencentes a qualquer língua viva, inclusive a variação.



3 Tipologia Contrastiva da Culinária

Através da análise e exploração de dois corpora textuais comparáveis, constituídos criteriosamente, foram coletadas e emparelhadas unidades terminológicas (UT) em PB e suas respectivas variantes em PE, formando, assim, pares contrastivos de variantes terminológicas geográficas ou diatópicas da Culinária. Essas variantes foram classificadas, com base em Freixa (2002), em cinco grupos de contrastes. Contudo, cada grupo está dividido em subgrupos de variação de acordo com as variantes detectadas nos corpora.

3.1 Grupo I: Contrastes gráficos e fonéticos

Neste grupo de variantes, foram incluídos pares de unidades terminológicas (UT) que apresentam alguma diferença nas suas formas escritas ou articuladas.

3.1.1 Variação fonética

Ocorre variação fonética em pares de UT que apresentam grafia idêntica e representam o mesmo referente nas duas comunidades linguísticas, porém, tornam-se contrastivas na forma de pronunciar. Por exemplo:

- (1) *pizza* (do italiano) — pronuncia-se “pittsa” no Brasil e “pisa” em Portugal.
- (2) *kiwi* (do inglês) — pronuncia-se “quiui” no Brasil e “quivi” em Portugal.

Ambos os termos foram adotados pelas duas comunidades linguísticas, entretanto, tornam-se contrastivos porque são pronunciados diferentes em cada uma delas.

3.1.2 Variação ortográfica

Ocorre variação ortográfica em pares de UT que se apresentam sob a forma gráfica diversificada baseada no critério da pronúncia.

(3) *purê* (PB) ↔ *puré* (PE)

(4) *glacê* (PB) ↔ *glacé* (PE)

(5) *fricassê* (PB) ↔ *fricassé* (PE)

Tais pares se contrastam por divergirem quanto à acentuação gráfica, o que se justifica porque as diferenças de pronúncia entre esses dois países determinam grafias diferentes para as mesmas palavras, ou seja, no Brasil recebem acento circunflexo, por se pronunciar a vogal tônica fechada, em Portugal recebem acento agudo, por se pronunciar a vogal tônica aberta.

Foram detectados, ainda, vários contrastes ortográficos em pares de UT em que ambas se originaram dos mesmos termos estrangeiros. Por exemplo:

(6) *brócolis* (PB) ↔ *brócolos* (PE) — do italiano *broccolo* (singular) e *broccoli* (plural).

(7) *espagete* (PB) ↔ *espaguete* (PE) — do italiano *spaghetti*.

Tais UT são distintas em suas formas, o que pode ser justificado por decorrer de diferentes realizações fonéticas (cf. VILLALVA, 2000).

3.2 Grupo II: Contrastes morfológicos e morfossintáticos

A variação deste grupo dá-se na estrutura da UT ou dos elementos constituintes das UT sintagmáticas, sem alterar-lhes o conceito.

3.2.2 Variação formal

Neste caso de variação, o contraste se dá na forma da unidade, ou seja, o par contrastivo é composto de uma variante curta e outra mais comprida, resultantes dos mesmos sintagmas verbais. Como exemplo:

(8) *abridor de lata (PB) ↔ abre-latas (PE)*

(9) *cortador de pizza (PB) ↔ corta-pizza (PE)*

No Brasil, este tipo de formação, dá-se geralmente com a transformação do verbo em substantivo agente (*abridor, cortador*) e o segundo elemento da composição corresponde ao objeto da ação (*latas, pizza*). Já em Portugal, opta-se pela construção de compostos morfossintáticos do tipo V + N formados através de verbo transitivo direto + objeto direto, sendo que o verbo é flexionado em 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo (*abre, corta*), unido por um hífen ao segundo elemento, que também é o objeto da ação (*latas, pizza*).

3.2.3 Variação permutativa

Ocorre na estrutura de UT compostas. Por exemplo:

(10) *banana passa (PB) ↔ passa de banana (PE)*

(11) *canela em pau (PB) ↔ pau de canela (PB)*

São sintagmas terminológicos formados pelos mesmos elementos, porém, encontram-se dispostos em ordem diferente em cada variante, unidos ou não por uma preposição.

3.2.4 Variação afixal

Variação afixal ou polimorfismo engloba pares de UT que apresentam contrastes a nível do formante. São UT formadas pela mesma raiz ou formante-raiz que exprimem um mesmo conceito, mas sofrem modificação nos afixos. Nesta pesquisa foram encontradas variações por mudança de gênero e de grau.

A variação de gênero ocorre em pares de UT que têm aparentemente os dois gêneros gramaticais, isto é, a UT apresenta-se com variação de índice temático *-o* ou *-e*, com concomitante gênero masculino, em uma das comunidades linguísticas e com índice temático *-a*, com concomitante gênero feminino, na outra. Entretanto

representam o mesmo referente sem sofrer nenhum tipo de mudança de significado.

Exemplo:

(12) *cebolinha* (PB) ↔ *cebolinho* (PE)

(13) *jarra medidora* (PB) ↔ *jarro medidor* (PE)

A mudança de gênero, nos exemplos acima, ocorre como processo de formação de palavras por derivação, pois *cebolinha* não é uma flexão de *cebolinho*, assim como *jarra medidora* não é de *jarro medidor*.

A variação de grau ocorre em pares de UT em que uma delas, sem qualquer alteração no conteúdo semântico, recebe um sufixo que indica aumento ou diminuição, enquanto que a outra permanece no grau normal. Por exemplo:

(14) *cravo* (PB) ↔ *cravinho* (PE)

(15) *pimentão* (PB) ↔ *pimento* (PE)

(16) *salsinha* (PB) ↔ *salsa* (PE)

Nestes casos, o uso do grau (aumentativo ou diminutivo) é opcional por parte do falante. Dessa forma, o contraste se justifica apenas pela visão que cada comunidade linguística tem dos referentes, já que estes são os mesmos, sem nenhuma alteração de significado ou diferença de tamanho.

3.3 Grupo III: Contrastes elípticos

Os contrastes elípticos se dão por algum tipo de redução em uma das formas variantes sem alterar-lhe o conceito.

3.3.3 Variação por elisão

No subgrupo das variantes por elisão, o contraste se dá pela supressão de um elemento constituinte de qualquer uma das UT do par contrastivo, sem qualquer alteração do conceito. Por exemplo:

(17) *azeite de oliva* (PB) ↔ *azeite* (PE)

(18) *chouriço* (PB) ↔ *chouriço de sangue* (PE)

A elisão do elemento predicativo do sintagma reduz a extensão do termo, mas não simplifica o significado do mesmo, pois a base preserva o conceito inerente ao termo dentro do contexto da Culinária.

3.3.4 Variação por redução

Esse tipo de variação engloba pares de UT em que uma delas é formada pela supressão de alguma parte da outra (palavra derivante). A parte suprimida é muitas vezes imprevisível e o termo formado por esse processo mantém o conteúdo semântico do derivante. Por exemplo:

(19) *codorna* (PB) ↔ *codorniz* (PE)

(20) *orégano* (PB) ↔ *orégão* (PE)

Entende-se que *codorna*, a UT usada no Brasil para denominar a “pequena ave galinácea”, é uma regressão de *codorniz*, a qual é preferida em Portugal. Assim, *codorna* é redução de *codorniz*, pois ambas pertencem a mesma classe gramatical e possuem o mesmo significado, sendo, inclusive, usadas no Brasil como sinônimas. Da mesma forma, entende-se que *orégão*, a UT usada em Portugal, é uma redução de *orégano*, a UT usada no Brasil.

3.4 Grupo IV: Contrastes léxicos

Os contrastes léxicos ocorrem entre termos monoléxicos e poliléxicos que se expressam com radicais diferentes (ou que contêm algum radical diferente), mas apresentam equivalência conceitual.

3.4.1 Variação por preferência de uso

As variações de preferência de uso englobam pares de UT que apresentam contrastes preferenciais por uma e/ou outra comunidade linguística, entretanto, de acordo com os corpora compilados para a pesquisa, uma delas é prioritária. Trata-se de termos existentes nos dois países com o mesmo significado e, na maioria das vezes, atestados nos dicionários de ambos, porém têm uma frequência de uso diferente.

(21) *bacia* (PB) ↔ *alguidar* (PE)

Ambas as UT existem nas duas variedades, porém tornam-se contrastivas porque cada uma é preferencial em uma delas.

Da mesma forma, *broto*, *garrafa térmica*, *gergelim*, *milho cozido*, *sopeira* e *xícara*, termos preferidos no Brasil, enquanto em Portugal, os termos usados com mais frequência no lugar destes respectivamente são: *grelo*, *termo*, *sésamo*, *maçaroca*, *terrina* e *chávena*.

(22) *fruta-de-conde* (PB) ↔ *anona* (PE)

(23) *caqui* (PB) ↔ *diospiro* (PE)

Nesses casos, no Brasil, usa-se um termo da língua geral, enquanto que em Portugal, usa-se um termo derivado do científico (nome científico: *Annona*; *Diospyros*).

3.4.2 Variação por exclusividade

São pares de UT que se contrastam por envolver UT exclusivas e distintas nas duas variantes linguísticas. Por exemplo:

(24) *farinha de rosca* (PB) ↔ *pão ralado* (PE)

(25) *azeite de dendê* (PB) ↔ *óleo de palma* (PE)

(26) *forminha de gelo* (PB) ↔ *cuvete* (PE)

Tais termos foram encontrados apenas em uma das variedades linguísticas e, quando registrados nos dicionários gerais consultados, somente no do respectivo país ou como regionalismo do outro.

Também foram obtidos pares contrastantes em que apenas uma das comunidades linguísticas possui UT exclusiva para denominar o mesmo conceito, enquanto o equivalente na outra é um termo comum nas duas comunidades, o que torna a UT sinônima em uma delas.

(27) *robot de cozinha* (PE) ↔ *multiprocessador* (PB)

(28) *mingau* (PB) ↔ *papa* (PE)

Robot de cozinha é um termo inexistente no Brasil, o que o torna exclusivo de Portugal, contudo, *multiprocessador*, que é o correspondente usado no Brasil, foi encontrado no corpus de Portugal. Dessa forma, conclui-se que *multiprocessador*, embora mais frequente em PB, é uma UT comum nas duas variedades linguísticas. Da mesma forma *mingau* (PB) que, segundo os corpora, é exclusivo do Brasil, e *papa* (PE) que, embora ocorra nos dois países, é mais usual em Portugal.

3.4.3 Variação por competição

Este subgrupo abarca UT originadas de línguas estrangeiras. O contraste se dá porque essas UT mantiveram suas formas gráficas originais em, pelo menos, uma das comunidades linguísticas enquanto na outra gerou uma forma vernácula tornando-se, assim, variantes competitivas.

(29) *caracol* (PE) ↔ *petit gris* (PB)

(30) *caracoleta* (PE) ↔ *escargot* (PB)

(31) *caril* (PE) ↔ *curry* (PB)

Nota-se, nos corpora constituídos para esta pesquisa, que Portugal gerou formas vernaculares enquanto que o Brasil preferiu as formas estrangeiras *petit gris* (termo francês), *escargot* (termo francês) e *curry* (termo inglês).

3.4.4 Variação denominativa sintagmática a nível do determinado

São pares de UT Sintagmáticas que apresentam diferença denominativa a nível do determinado, ou seja, são compostos em que apenas o segundo elemento constituinte, ligado ou não por preposição, é diferente. Por exemplo:

(32) *garfo de macarrão* (PB) ↔ *garfo para esparguete* (PE)

(33) *martelo de carne* (PB) ↔ *martelo de cozinha* (PE)

As duas UT do exemplo (32) denominam o mesmo utensílio em ambas as comunidades linguísticas – “garfo para macarrão” / “garfo para esparguete” –, mas há diferença no segundo constituinte, o que se justifica, porque, no Brasil, chama-se “macarrão” ao mesmo que em Portugal chama-se “massa”.

No exemplo (33), o que explica a diferença do determinante é o fato de os dois países possuírem culturas diferentes, assim, utilizando o mesmo objeto para usos diferentes ou mais habituais. No Brasil, *martelo de carne* é destinado a bater bifés para amaciá-los, enquanto em Portugal, *martelo de cozinha* é utilizado na cozinha para vários usos, pois não é habitual bater bifés.

3.4.5 Variação denominativa sintagmática a nível do determinante

Neste subgrupo encontram-se os casos em que o primeiro constituinte dos pares de UT poliléxicas é diferente.

(34) *peneira de chá* (PB) ↔ *passador para chá* (PE)

(35) *aparelho de jantar* (PB) ↔ *serviço de jantar* (PE)

No exemplo (34), as duas UT denominam utensílios idênticos, destinados ao mesmo uso nos dois países, mas o termo *passador* no sentido de “coador” é exclusivo em Portugal. Quanto ao exemplo (35), embora *serviço* seja um termo com o mesmo significado nas duas variedades linguísticas, é mais frequente em Portugal, enquanto que *aparelho* é um termo exclusivo e preferencial do PB no sentido de “conjunto”.

3.4.6 Variação por multi-sinonímia

Neste caso, apesar de uma das UT ser igual nos dois países, verifica-se que existe mais que uma, em uma ou ambas as comunidades linguísticas, para exprimir o mesmo conceito. Ou seja, observou-se a coexistência de sinônimos resultantes de vários fatores, como usos, regiões nível, grafia.

(36) *mandioca* / *aipim* / *macaxeira* (PB) ↔ *mandioca* (PE)

No Brasil é mais frequente *mandioca* na região Centro-oeste; *aipim* no Sudeste e Sul; *macaxeira* na região Norte e Nordeste. Enquanto que em Portugal usa-se apenas *mandioca*.

(37) *capellini* / *cabelo-de-anjo* / *cabelinho-de-anjo* / *fidéu* (PB) ↔ *capellini* / *aletria* (PE)

Neste caso, as duas comunidades linguísticas tomaram por empréstimo o mesmo termo estrangeiro, entretanto, para denominar o mesmo referente, geraram variantes vernáculas diferentes nas duas nações.

3.5 Grupo V: Outros Contrastes

Neste grupo de contrastes ficaram as variações que não se encaixaram em um dos quatro grupos anteriores.

3.5.1 Variação por inexistência de equivalentes

Como esta pesquisa parte do PB e não foi feita na ordem inversa, encontram-se neste subgrupo apenas UT do PB sem equivalentes em PE, o que não quer dizer que não exista UT do PE sem equivalentes no Brasil.

Foram detectadas UT que nomeiam utensílios que não existem na cultura portuguesa, ou se encontrados são considerados importados. Exemplo:

(38) *cuscuzeira* → recipiente para preparar cuscuz, prato típico de São Paulo.

- (39) *lava-arroz* → utensílio criado e patenteado por uma brasileira, utilizado para lavar e escorrer o arroz, pois no Brasil, o arroz é sempre lavado antes do cozimento.
- (40) *pirão, pamonha, paçoca* → iguarias típicas da cozinha brasileira.
- (41) *carne-de-sol, charque* → carnes brasileiras.
- (42) *jabuticaba, pitanga* → frutas típicas do Brasil.

Tais UT tornam-se contrastivas por inexistência de equivalentes em Portugal.

3.5.2 Variação semântica

Esse tipo de variação ocorre em UT que se tornam contrastivas porque, apesar de serem usadas em ambas as comunidades linguísticas, possuem significados diferentes em cada uma. Exemplo:

- (43) *carcaça* — no Brasil, denomina “costela do frango, quase sem carne, geralmente usada para fazer sopa”, e em Portugal, “pão pequeno e bojudo, de farinha de trigo”.
- (44) *farinheira* — no Brasil, designa “recipiente para guardar farinha”, e em Portugal, “tipo de enchido”.

3.5.3 Variação por hiponímia

Esse tipo de contraste ocorre com pares de UT que designam conceitos que se relacionam hierarquicamente. Trata-se de pares de UT que se apresentam na forma gráfica idêntica e são usadas nos dois países, entretanto tornam-se contrastivas porque uma das UT do par contrastivo designa um conceito genérico em uma das comunidades linguísticas e um conceito mais específico na outra. Exemplo:

- (45) *macarrão* (PB) ↔ *massa* (PE)

No Brasil, *macarrão* é o nome genérico que equivale a *massa alimentícia*, o que significa que há vários tipos de macarrões. Em Portugal o mesmo termo denomina um

tipo de *massa* (macarrão). Sendo assim, no PE *macarrão* é hipônimo de *massa*, pois *macarrão* é específico em relação à *massa*; ao passo que no PB *macarrão* é genérico.

3.5.4 Variação por terminologização

Neste grupo de variantes ocorre o fenômeno da terminologização, ou seja, uma das UT do par contrastivo é uma unidade léxica da língua geral que passa a ter novo significado na área da Culinária apenas numa das comunidades linguísticas. Exemplo:

(46) *quente / apimentado* (PB) ↔ *apimentado* (PE)

Tal termo, que significa “aquecido”, no Brasil, passou para o âmbito da Culinária, adquirindo o significado de “apimentado”, o que não aconteceu em Portugal.

Considerações Finais

Este trabalho propôs-se contrastar as variantes de duas comunidades linguísticas de uma mesma língua, a língua portuguesa. Para tanto, investigou o léxico especializado da Culinária explorando dois corpora comparáveis, o que permitiu emparelhar termos variantes entre PB e PE e descrever suas principais diversidades. Tal processo resultou numa tipologia dos contrastes detectados, divididos em cinco grupos de contrastes, para a qual buscou-se encontrar argumentos para justificar as diferenças.

Pela análise dos dados, pode-se concluir que as unidades terminológicas (UT) da Culinária não são unidades estáticas, ao contrário, são dinâmicas dentro do discurso, apresentando variação advinda de vários fatores, como usos, regiões, nível (social, profissional), grafia, empréstimos, etimologia, etc. Assim, essas UT da Culinária, que possuem algum tipo de contraste, são variantes terminológicas geográficas, pois, além da variação denominativa e conceitual, ocorrem no plano horizontal, designando conteúdos semelhantes utilizados por falantes da língua portuguesa em regiões diferentes, no caso, Brasil e Portugal.

Tal estudo vem reforçar que, na Terminologia, o fator geográfico não deve ser negligenciado, pois, contrariamente às aspirações da Terminologia tradicional, um mesmo referente pode ser designado por mais de uma UT, e um mesmo conceito, também, pode ser representado por denominações distintas, como demonstram os dados apresentados. Portanto, é imprescindível considerar a ocorrência dos termos nos textos e, conseqüentemente, seus usos reais. Tal cuidado é fundamental para se poder chegar a soluções adequadas no momento da elaboração de produtos terminológicos.

Referências

- ARAÚJO, Wilma Maria Coelho; MONTEBELLO, Nancy de Pilla. **Carne & Cia**. Vol.1. Série Alimentos e Bebidas. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- BECHARA, EVANILDO. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.**, v.16, n.2, p. 323-367, 2000.
- CABRÉ, M. Teresa. **La terminología: Teoría, Metodología y Aplicaciones**. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.
- _____. Terminología y lingüística: la teoría de las puertas. **Estudios de lingüística española**, 2002, 16. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies16/Cabre.html#n1>>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- CIAPUSCIO, Guiomar. El término en los textos: una propuesta integradora para el análisis de la variación conceptual. **Actas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia**, Lisboa: ILTEC, p. 383-399, 2002.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um Método de Pesquisa, uma Disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.
- FINATTO, Maria José Bocorny. Unidade e Variação na Língua Portuguesa: A Variação em Terminologia. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, v. 15, p. 64-68, 1996.
- FREIXA, Judit. **La Variació Terminològica. Anàlisi de la Variació Denominativa en Textos de Diferent Grau d'especialització de l'àrea de medi ambient**. 2003. Tese de Doutorado – Universidade de Barcelona, Barcelona.
- GUTIÉRREZ, José Bello. **Ciencia y Tecnología Culinaria**. Madrid: Ediciones Diaz de Santos, 1998.



HOUAISS, António. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** (software). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LARA, Meire. **Variação Terminológica entre Português Brasileiro e Português Europeu: Análise Contrastiva no Âmbito da Culinária.** 2007. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

L'HOMME, Marie-Claude. **La terminologie: principes et techniques.** Montréal: Les Presses d'Université de Montréal, p. 68-96, 2004.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. Gramática da Língua Portuguesa. 7ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PINHEIRO, Conceição/ SILVA, Jorge Ferreira da/ LOPES, Pedro Cunha (eds.), (2005): Dicionário da Língua Portuguesa. **Diciopédia 2006.** (software). Lisboa: Porto Editora, 2005.

SANDMANN, Antônio José. **Formação das Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo.** Curitiba: Editora Scientia et Labor, 1998.

VILLALVA, Alina. **Benefícios da diversidade: Exemplos com palavras.** 2000. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/pessoais/a_villalva/publicacoes/beneficios.pdf. Acesso em: 09 jan. 2007.

Recebido Para Publicação em 26 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 23 de maio de 2017.